

TIAGO FERREIRA VERAS
LUCILENE DE FÁTIMA PEREIRA RODRIGUES
ELISÂNGELA DE FÁTIMA NASCIMENTO PEREIRA MONROE
ELAINE REGINA MENDES PINHEIRO LISBOA



ENTRE PLANTAS, BRINCADEIRAS E MEMÓRIAS: A PEDAGOGIA DE QUINTAIS NA FORMAÇÃO INTEGRAL DA CRIANÇA



TIAGO FERREIRA VERAS
LUCILENE DE FÁTIMA PEREIRA RODRIGUES
ELISÂNGELA DE FÁTIMA NASCIMENTO PEREIRA MONROE
ELAINE REGINA MENDES PINHEIRO LISBOA

**ENTRE PLANTAS, BRINCADEIRAS E MEMÓRIAS: A PEDAGOGIA DE
QUINTAIS NA FORMAÇÃO INTEGRAL DA CRIANÇA**

ISBN: 978-65-83124-45-6
DOI: <https://doi.org/10.58871/06876>

1ª Edição
EDITORA ACADEMIC
Campo Alegre de Lourdes – Bahia, maio de 2026

Copyright© dos autores e autoras. Todos os direitos reservados.

Esta obra é publicada em acesso aberto. O conteúdo do e-book, os dados apresentados, bem como a revisão ortográfica e gramatical são de responsabilidade de seus autores, detentores de todos os Direitos Autorais, que permitem o download e o compartilhamento com a devida atribuição de crédito, mas sem que seja possível alterar a obra de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais. Revisão e normalização: os autores e autoras.

Preparação e diagramação: Júnior Ribeiro de Sousa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E61

Entre plantas, brincadeiras e memórias: a pedagogia de quintais na formação integral da criança / Tiago Ferreira Veras... [et al.]. – 1. ed. – Campo Alegre de Lourdes: Editora Academic, 2026.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-83124-45-6

1. Educação – Práticas pedagógicas. 2. Quintais – Espaços educativos. 3. Formação integral. 4. Cultura popular. I. Veras, Tiago Ferreira. II. Rodrigues, Lucilene de Fátima Pereira. III. Monroe, Elisângela de Fátima Nascimento Pereira. IV. Lisboa, Elaine Regina Mendes Pinheiro.

CDD 370.19

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

APRESENTAÇÃO

A obra *Entre plantas, brincadeiras e memórias: a pedagogia de quintais na formação integral da criança* apresenta uma reflexão acadêmica, cultural e pedagógica acerca das experiências educativas construídas nos quintais como espaços de aprendizagem, convivência, memória, afetividade e desenvolvimento humano. Em um contexto contemporâneo marcado pela urbanização acelerada, pelo crescimento das tecnologias digitais e pelo distanciamento progressivo das crianças em relação à natureza e às experiências comunitárias, torna-se necessário revisitar práticas educativas que valorizem o brincar, a oralidade, a convivência familiar, os saberes populares e a relação sensível com o ambiente. Nesse cenário, a pedagogia de quintais emerge como importante possibilidade de construção de uma educação mais humanizada, inclusiva, afetiva e culturalmente situada.

Historicamente, os quintais ocuparam papel significativo na vida das famílias e das comunidades, especialmente em contextos rurais, periféricos e tradicionais. Mais do que simples extensões das residências, esses espaços funcionaram como ambientes de convivência coletiva, transmissão cultural, cultivo de alimentos, brincadeiras infantis, celebrações familiares e compartilhamento de saberes entre gerações. Foi nos quintais que muitas crianças tiveram seus primeiros contatos com plantas, animais, histórias narradas pelos mais velhos, brincadeiras populares, músicas tradicionais e experiências de cuidado com a vida. Dessa forma, os quintais consolidaram-se como territórios de memória e formação cultural, contribuindo diretamente para a constituição das identidades infantis.

A pedagogia de quintais compreende que os processos educativos não acontecem exclusivamente nos espaços escolares formais, mas também nos ambientes cotidianos em que as crianças vivem, convivem, observam, exploram e produzem sentidos sobre o mundo. Essa perspectiva reconhece que a infância aprende por meio da experiência, da interação social, da corporeidade, da imaginação e da relação com o território em que está inserida. Assim, brincar na terra, observar uma planta crescer, ouvir histórias familiares, construir brinquedos com elementos naturais e participar de atividades comunitárias

tornam-se experiências educativas fundamentais para a formação integral da criança.

Ao longo das últimas décadas, diferentes pesquisadores da educação, da infância, da sociologia, da educação ambiental e das pedagogias culturais passaram a discutir a necessidade de fortalecimento de práticas educativas mais conectadas à vida cotidiana das crianças e aos saberes produzidos em seus territórios. Essas discussões evidenciam que a escola contemporânea enfrenta o desafio de superar modelos excessivamente conteudistas, fragmentados e distantes das experiências reais da infância. Nesse contexto, a pedagogia de quintais propõe uma aproximação entre escola, comunidade, natureza e cultura popular, valorizando práticas educativas construídas a partir do cuidado, da convivência e da participação coletiva.

Outro aspecto importante que fundamenta esta obra refere-se à relação entre infância e natureza. Atualmente, muitas crianças vivem em contextos marcados pela redução dos espaços verdes, pela limitação das brincadeiras ao ar livre e pelo aumento do tempo de exposição às telas digitais. Tal realidade contribui para o empobrecimento das experiências sensoriais, corporais e ambientais da infância. A pedagogia de quintais surge, assim, como movimento de resistência cultural e ecológica, defendendo a importância do contato das crianças com plantas, animais, água, terra, sementes e diferentes elementos naturais como parte fundamental do desenvolvimento humano e da construção da consciência ambiental.

As brincadeiras tradicionais também ocupam lugar central na pedagogia de quintais. Jogos populares, cantigas de roda, brincadeiras de faz de conta, construção de brinquedos com materiais naturais e experiências lúdicas compartilhadas entre crianças constituem importantes formas de aprendizagem e produção cultural infantil. Ao brincar, a criança desenvolve imaginação, linguagem, autonomia, criatividade, coordenação motora e relações sociais. Além disso, as brincadeiras fortalecem vínculos afetivos e preservam memórias culturais transmitidas entre gerações. Assim, a pedagogia de quintais reafirma o brincar como linguagem essencial da infância e como prática educativa indispensável para a formação integral.

A oralidade e a memória coletiva representam outras dimensões fundamentais abordadas nesta obra. Os quintais historicamente funcionaram

como espaços de escuta e compartilhamento de histórias, receitas, saberes sobre plantas, experiências familiares e narrativas comunitárias. As crianças aprendiam ouvindo os mais velhos, observando práticas cotidianas e participando das atividades coletivas desenvolvidas nesses espaços. Essas experiências fortaleciam sentimentos de pertencimento, continuidade cultural e valorização das identidades locais. Em tempos de aceleração das relações sociais e enfraquecimento da convivência comunitária, recuperar práticas de oralidade e memória torna-se importante estratégia de valorização cultural e humanização da infância.

A obra também discute as contribuições da pedagogia de quintais para construção de práticas pedagógicas mais inclusivas, democráticas e contextualizadas. As experiências desenvolvidas nos quintais podem inspirar diferentes estratégias educativas no ambiente escolar, como hortas pedagógicas, rodas de conversa, oficinas sensoriais, brincadeiras tradicionais, projetos de memória comunitária e atividades de educação ambiental. Essas práticas aproximam o currículo da realidade das crianças, fortalecendo vínculos entre escola, família e território. Além disso, favorecem a participação infantil, valorizam múltiplas linguagens e ampliam possibilidades de aprendizagem para diferentes sujeitos.

Outro elemento relevante presente nesta obra refere-se à valorização dos saberes populares como formas legítimas de conhecimento. Muitas práticas desenvolvidas nos quintais, como cultivo de plantas, preparo de alimentos, uso de ervas medicinais, narrativas orais e brincadeiras tradicionais, constituem patrimônios culturais construídos historicamente pelas comunidades. Entretanto, esses conhecimentos frequentemente foram invisibilizados pelos modelos escolares tradicionais, que privilegiaram apenas saberes científicos e acadêmicos. A pedagogia de quintais propõe superar essa hierarquização, reconhecendo a importância da diversidade cultural e da ecologia de saberes na formação das crianças.

Ao longo dos capítulos, esta obra analisa os quintais como espaços de desenvolvimento cognitivo, afetivo, social, ambiental e cultural da infância. O primeiro capítulo aborda os fundamentos da pedagogia de quintais e sua relação com a formação integral da criança, discutindo os quintais como territórios educativos e culturais. O segundo capítulo analisa as brincadeiras, memórias e

saberes populares presentes nesses espaços, destacando suas contribuições para o desenvolvimento infantil. O terceiro capítulo discute a relação entre infância, natureza e educação ambiental, enfatizando a construção de vínculos ecológicos desde a infância. O quarto capítulo apresenta estratégias pedagógicas inspiradas na pedagogia de quintais e suas possibilidades de aplicação no contexto escolar. Por fim, o quinto capítulo analisa os desafios contemporâneos enfrentados pela infância e as perspectivas educativas relacionadas à valorização dos quintais.

Espera-se que esta obra contribua para ampliar reflexões acadêmicas e pedagógicas acerca da infância, da cultura popular, da educação ambiental e das práticas educativas humanizadas. Mais do que recuperar experiências do passado, a pedagogia de quintais propõe caminhos para pensar uma educação conectada à vida cotidiana, ao território, à memória e às relações humanas. Em tempos marcados pelo individualismo, pela fragmentação social e pelo afastamento das crianças da natureza, os quintais continuam ensinando que educar também é brincar, cuidar, narrar, cultivar, conviver e construir sentidos coletivamente. Assim, a pedagogia de quintais reafirma-se como importante possibilidade de fortalecimento de infâncias mais sensíveis, criativas, ecológicas e culturalmente enraizadas.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: FUNDAMENTOS DA PEDAGOGIA DE QUINTAIS E A FORMAÇÃO INTEGRAL DA CRIANÇA	8
CAPÍTULO 2: BRINCADEIRAS, MEMÓRIAS E SABERES POPULARES NA INFÂNCIA.....	15
CAPÍTULO 3: INFÂNCIA, NATUREZA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA PEDAGOGIA DE QUINTAIS	22
CAPÍTULO 4: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS INSPIRADAS NA PEDAGOGIA DE QUINTAIS	29
CAPÍTULO 5: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS E PERSPECTIVAS DA PEDAGOGIA DE QUINTAIS	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43

CAPÍTULO 1: FUNDAMENTOS DA PEDAGOGIA DE QUINTAIS E A FORMAÇÃO INTEGRAL DA CRIANÇA

A pedagogia de quintais compreende os espaços domésticos, comunitários e naturais como territórios educativos fundamentais para a formação integral da criança, especialmente porque nesses ambientes a infância vivencia experiências relacionadas ao brincar, à convivência coletiva, à observação da natureza e à construção de vínculos afetivos.

Para Freire (1996), a educação precisa partir da leitura crítica do mundo vivido, e essa compreensão permite reconhecer que o quintal é também lugar de aprendizagem, pois nele a criança lê a realidade por meio do corpo, da imaginação, da linguagem e da experiência concreta. Quando a criança brinca sob uma árvore, observa uma semente germinar ou escuta histórias de familiares, constrói conhecimentos que articulam cultura, natureza e memória. Assim, os quintais deixam de ser apenas espaços físicos e passam a ser compreendidos como ambientes pedagógicos ricos em sentidos.

A formação integral da criança exige que a educação considere dimensões cognitivas, emocionais, sociais, culturais, corporais e ambientais de maneira articulada, superando práticas escolares que reduzem a aprendizagem à memorização de conteúdo. Segundo Morin (2000), o conhecimento precisa ser compreendido em sua complexidade, pois o ser humano aprende em relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo. Nessa perspectiva, a pedagogia de quintais favorece uma formação ampliada, na qual a criança desenvolve curiosidade, sensibilidade, autonomia, pertencimento e responsabilidade. O quintal, como espaço de vida, permite experiências que envolvem observação, cuidado, diálogo, imaginação e descoberta. Desse modo, a aprendizagem torna-se mais significativa porque nasce da interação direta com o cotidiano e com os elementos vivos do território.

A infância encontra nos quintais possibilidades de expressão que muitas vezes são limitadas pelos espaços escolares excessivamente fechados, controlados e padronizados. Para Sarmiento (2004), as crianças são sujeitos sociais ativos, produtoras de cultura e capazes de interpretar o mundo a partir de suas próprias lógicas. Essa concepção ajuda a compreender que o quintal é um espaço onde a criança cria regras, inventa brincadeiras, transforma objetos

simples em brinquedos e atribui novos sentidos aos elementos naturais. Ao brincar com folhas, pedras, galhos, barro e sementes, a criança não apenas se diverte, mas elabora hipóteses, resolve problemas e constrói relações simbólicas. Assim, a pedagogia de quintais valoriza a infância como tempo de criação, participação e produção cultural.

O contato com a terra, as plantas, os animais, a água, o vento e os ciclos naturais contribuem para o desenvolvimento sensorial e cognitivo da criança. Conforme Louv (2016), o afastamento das crianças da natureza empobrece suas experiências corporais, emocionais e ambientais, tornando urgente a criação de oportunidades de convivência com espaços naturais.

O quintal favorece esse reencontro, pois permite que a criança toque a terra, observe insetos, acompanhe o crescimento das plantas e perceba transformações do ambiente. Essas experiências desenvolvem atenção, paciência, cuidado e sensibilidade ecológica. Quando a criança participa do cultivo de uma planta ou observa a chuva molhando o solo, aprende que a vida se organiza em ciclos e que o ser humano faz parte da natureza.

A pedagogia de quintais também se fundamenta na valorização da experiência como base do conhecimento. Dewey (1979) defende que a aprendizagem ocorre de forma mais profunda quando está ligada à experiência vivida e à participação ativa do estudante. Nessa perspectiva, os quintais tornam-se espaços pedagógicos porque possibilitam que a criança aprenda fazendo, observando, experimentando e dialogando.

Diferentemente de práticas abstratas e descontextualizadas, as experiências no quintal permitem que a criança compreenda fenômenos naturais, relações sociais e práticas culturais de maneira concreta. Ao plantar, colher, brincar, narrar e cuidar, a criança participa do processo de aprendizagem como sujeito ativo, desenvolvendo habilidades intelectuais, afetivas e sociais em interação com o ambiente.

A relação entre criança e ambiente é decisiva para a construção de aprendizagens significativas e para o desenvolvimento da identidade. Bronfenbrenner (1996) compreende o desenvolvimento humano a partir das interações entre sujeito e contextos ecológicos, destacando a importância dos ambientes familiares, comunitários e culturais. O quintal, nessa perspectiva, constitui um microssistema formativo, pois nele a criança convive com familiares,

vizinhos, plantas, animais e objetos culturais que influenciam seu modo de ser e aprender. As experiências construídas nesse espaço ampliam vínculos afetivos e fortalecem o sentimento de pertencimento. Assim, a pedagogia de quintais reconhece que o desenvolvimento infantil ocorre nas relações concretas que a criança estabelece com os ambientes em que vive.

A memória ocupa lugar central na pedagogia de quintais, pois nesses espaços circulam histórias familiares, lembranças de infância, saberes populares e tradições transmitidas entre gerações. Halbwachs (2006) afirma que a memória é socialmente construída, sendo preservada nos grupos e nas relações coletivas. No quintal, a criança escuta relatos dos avós, aprende cantigas, conhece modos de plantar, cuidar, cozinhar e brincar, incorporando elementos da cultura familiar e comunitária. Essas memórias não são apenas lembranças do passado, mas referências que ajudam a criança a construir sua identidade. Desse modo, o quintal torna-se espaço simbólico de continuidade cultural e de fortalecimento dos laços entre gerações.

A pedagogia de quintais também dialoga com a perspectiva da educação popular, pois valoriza saberes produzidos fora dos espaços formais e reconhece a comunidade como fonte legítima de conhecimento. Brandão (2007) destaca que a educação acontece em diferentes tempos e lugares, especialmente nas relações sociais e nas práticas culturais do cotidiano. Essa compreensão permite afirmar que o quintal é um espaço educativo porque nele circulam conhecimentos sobre plantas, alimentos, histórias, brincadeiras, cura, cuidado e convivência. A criança aprende com os adultos, com outras crianças e com o próprio ambiente. Assim, a pedagogia de quintais rompe com a ideia de que apenas a escola ensina e amplia o conceito de educação.

A formação integral da criança exige atenção ao corpo, ao movimento e às experiências sensoriais, aspectos fortemente presentes nos quintais. Wallon (2007) compreende o desenvolvimento infantil como processo integrado entre afetividade, motricidade e inteligência, mostrando que o corpo participa ativamente da aprendizagem. Nos quintais, a criança corre, pula, sobe, cava, planta, dança, esconde-se e manipula objetos naturais, desenvolvendo coordenação motora, equilíbrio, percepção espacial e expressão corporal. Essas experiências corporais também favorecem emoções, vínculos e sociabilidade. Portanto, a pedagogia de quintais reconhece que a aprendizagem infantil não

acontece apenas pelo pensamento abstrato, mas também pelo corpo em movimento e pela relação sensível com o espaço.

A seguir, apresenta-se uma tabela 01 que sintetiza elementos centrais da pedagogia de quintais e suas contribuições para a formação integral da criança. A tabela organiza dimensões presentes nesses espaços, como natureza, memória, brincadeira, cultura popular, afetividade e corporeidade, indicando como cada uma contribui para o desenvolvimento infantil. Seu objetivo é demonstrar que os quintais não são espaços secundários, mas territórios educativos complexos, capazes de articular conhecimentos ambientais, sociais, emocionais e culturais. A partir dessa organização, torna-se possível compreender a pedagogia de quintais como prática educativa que une vida cotidiana, saber popular e formação humana.

Tabela 01 – Sintetização dos elementos centrais da pedagogia de quintais e suas contribuições para a formação integral da criança.

<i>Elemento da pedagogia de quintais</i>	<i>Características educativas</i>	<i>Contribuições para a criança</i>
<i>Natureza</i>	Contato com plantas, terra, água e animais	Sensibilidade ambiental e desenvolvimento sensorial
<i>Brincadeira</i>	Jogos livres, simbólicos e tradicionais	Criatividade, socialização e autonomia
<i>Memória</i>	Histórias familiares e saberes intergeracionais	Identidade cultural e pertencimento
<i>Afetividade</i>	Relações de cuidado e convivência	Segurança emocional e vínculos humanos
<i>Cultura popular</i>	Cantigas, receitas, narrativas e tradições	Valorização dos saberes comunitários
<i>Corporeidade</i>	Movimento, exploração e experiências sensoriais	Desenvolvimento motor e expressivo

Fonte: Dados da pesquisa (2026)

A tabela demonstra que a pedagogia de quintais articula múltiplas dimensões do desenvolvimento infantil, evidenciando que a criança aprende de

forma integrada e não fragmentada. Para Vygotsky (2007), o desenvolvimento ocorre nas interações sociais mediadas pela cultura, e essa perspectiva ajuda a compreender que as experiências no quintal são profundamente educativas.

A criança aprende ao brincar com outras crianças, ao escutar histórias de adultos, ao observar práticas de cultivo e ao participar de atividades coletivas. Assim, a tabela mostra que natureza, cultura e relações sociais atuam conjuntamente na formação infantil. O quintal, portanto, é um espaço de mediação cultural, onde a aprendizagem nasce da interação entre sujeito, ambiente e comunidade.

A dimensão da brincadeira apresentada na tabela revela que o brincar é uma prática fundamental para a formação integral da criança. Kishimoto (2011) ressalta que o brincar favorece imaginação, linguagem, socialização e desenvolvimento cognitivo, sendo indispensável à infância. Nos quintais, as brincadeiras surgem com liberdade, criatividade e vínculo com o território, pois a criança transforma folhas em comida, pedras em tesouros, galhos em ferramentas e cantos do quintal em mundos imaginários. Essas experiências estimulam pensamento simbólico e autonomia. Desse modo, a pedagogia de quintais reconhece a brincadeira como linguagem própria da infância e como meio privilegiado de aprendizagem.

A tabela também evidencia que a memória fortalece a identidade cultural da criança. Nora (1993) discute os lugares de memória como espaços simbólicos onde grupos preservam experiências, narrativas e sentidos coletivos. O quintal pode ser compreendido como lugar de memória porque guarda lembranças familiares, histórias de infância, práticas de cultivo, brincadeiras antigas e modos de convivência comunitária. Quando a criança escuta essas narrativas, ela se conecta com trajetórias anteriores e compreende que faz parte de uma história coletiva. Assim, a pedagogia de quintais contribui para que a infância reconheça suas raízes culturais e valorize os saberes herdados.

A dimensão da afetividade, destacada na tabela, é essencial para a formação integral da criança. Maturana (2002) afirma que o humano se constitui nas relações de convivência e que a emoção participa da construção do conhecimento. Nos quintais, a criança aprende em meio a relações de cuidado, proteção, partilha e pertencimento.

A afetividade presente nesses espaços favorece segurança emocional, confiança e abertura para novas descobertas. Quando a criança se sente acolhida, ela explora com mais liberdade, pergunta, experimenta e participa. Desse modo, a pedagogia de quintais compreende que aprender é também viver relações afetivas significativas.

A cultura popular é outro elemento fundamental para compreender os quintais como espaços educativos. Certeau (1998) valoriza as práticas cotidianas como formas de produção cultural, mostrando que os sujeitos criam sentidos nas ações comuns do dia a dia. Nos quintais, as crianças participam de práticas como cantar, plantar, cozinhar, brincar, ouvir histórias e celebrar acontecimentos familiares. Essas práticas, muitas vezes simples, carregam conhecimentos culturais profundos. A pedagogia de quintais reconhece que tais saberes não devem ser invisibilizados pela escola, pois constituem parte importante da formação da criança e de sua relação com a comunidade.

A relação entre quintais e educação ambiental revela que a criança aprende a cuidar da natureza quando convive com ela de maneira afetiva e cotidiana. Carvalho (2012) compreende a educação ambiental como formação de sujeitos ecológicos capazes de perceber a interdependência entre vida, cultura e ambiente. No quintal, essa formação ocorre quando a criança rega plantas, observa insetos, separa sementes, reaproveita materiais e compreende que suas ações interferem no espaço vivido. Essas práticas despertam responsabilidade e sensibilidade ambiental. Assim, a pedagogia de quintais contribui para formar crianças mais conscientes da importância do cuidado com o planeta.

A pedagogia de quintais também se aproxima de uma educação estética, pois valoriza beleza, sensibilidade e percepção. Ostetto (2019) destaca que as experiências estéticas na infância ampliam a capacidade de sentir, imaginar e produzir sentidos sobre o mundo. Nos quintais, a criança percebe cores das flores, formas das folhas, sons dos pássaros, cheiros da terra molhada e movimentos dos animais. Essas experiências alimentam a imaginação e favorecem uma relação sensível com o ambiente. A aprendizagem, nesse caso, não se limita ao conceito, mas envolve encantamento e contemplação. Por isso, os quintais são espaços potentes de educação estética e sensorial.

A pedagogia de quintais também favorece a autonomia e a participação infantil. Malaguzzi (1999), ao defender a criança como sujeito de múltiplas linguagens, inspira uma educação que valoriza expressão, investigação e protagonismo. No quintal, a criança escolhe brincadeiras, organiza espaços, cria narrativas, negocia regras e experimenta possibilidades. Essas ações desenvolvem iniciativa, responsabilidade e criatividade. Quando os adultos reconhecem o valor dessas experiências, a criança sente-se autorizada a participar ativamente de sua aprendizagem. Assim, a pedagogia de quintais contribui para uma infância mais protagonista e menos passiva diante dos processos educativos.

A experiência do quintal também permite pensar a educação como prática situada no território. Haesbaert (2004) compreende o território como espaço de pertencimento, relações e identidade, e essa ideia ajuda a entender que o quintal é parte do território vivido pela criança. Nele, a infância constrói referências espaciais, afetivas e culturais que influenciam sua visão de mundo. O quintal é lugar de encontro entre casa, comunidade e natureza, articulando experiências pessoais e coletivas. A pedagogia de quintais, portanto, valoriza o território como fonte de conhecimento e como elemento fundamental para a formação integral da criança.

Portanto, os fundamentos da pedagogia de quintais revelam que a formação integral da criança depende de experiências que articulem natureza, brincadeira, memória, cultura popular, afetividade e participação. Larrosa (2002) afirma que a experiência é aquilo que nos toca e nos transforma, e essa concepção sintetiza a potência educativa dos quintais.

A criança que brinca, planta, escuta histórias e convive nesses espaços não apenas acumula informações, mas vive experiências que marcam sua subjetividade e sua relação com o mundo. Assim, a pedagogia de quintais propõe uma educação sensível, humanizada e enraizada na vida cotidiana, reconhecendo que os quintais são territórios de aprendizagem, memória e formação humana.

CAPÍTULO 2: BRINCADEIRAS, MEMÓRIAS E SABERES POPULARES NA INFÂNCIA

As brincadeiras tradicionais ocupam lugar central na pedagogia de quintais porque permitem que a criança desenvolva imaginação, socialização, linguagem, coordenação motora e pertencimento cultural. Para Brougère (1998), o brincar é uma atividade social e culturalmente construída, por meio da qual a criança interpreta o mundo e participa de práticas simbólicas. Nos quintais, brincadeiras como roda, esconde-esconde, casinha, amarelinha, faz de conta e jogos com elementos naturais possibilitam aprendizagens que ultrapassam a diversão imediata. A criança negocia regras, cria narrativas, resolve conflitos e experimenta papéis sociais. Assim, o quintal torna-se espaço privilegiado para a construção de saberes infantis marcados pela cultura, pelo corpo e pela convivência.

A memória infantil construída nos quintais está profundamente relacionada às experiências afetivas e comunitárias vividas nesses espaços. Para Benjamin (1994), a narrativa preserva experiências e permite que saberes sejam transmitidos de uma geração a outra. Nos quintais, histórias contadas por avós, pais, vizinhos e moradores mais antigos assumem função educativa, pois apresentam à criança valores, tradições, medos, alegrias e modos de compreender o mundo. Essas narrativas podem envolver plantas medicinais, brincadeiras antigas, festas familiares, histórias de assombração, cantigas e lembranças da comunidade. Desse modo, a pedagogia de quintais reconhece que a oralidade é fonte de conhecimento e de formação cultural.

Os saberes populares presentes nos quintais constituem conhecimentos produzidos historicamente pelas comunidades em sua relação com a natureza, o trabalho, a alimentação, a saúde e a convivência. Segundo Diegues (2000), os saberes tradicionais revelam formas específicas de compreender e manejar o ambiente, sendo transmitidos por práticas cotidianas e relações comunitárias. Quando a criança aprende a identificar uma planta, preparar um chá, cuidar de uma horta ou respeitar determinado ciclo natural, participa de um processo educativo enraizado na cultura local. A pedagogia de quintais valoriza esses saberes porque compreende que eles fazem parte da formação integral da criança e fortalecem sua identidade.

O brincar nos quintais possibilita que a criança produza cultura infantil, criando sentidos próprios para objetos, espaços e relações. Corsaro (2011) afirma que as crianças participam de culturas de pares, apropriando-se criativamente do mundo adulto e produzindo novas formas de interação. No quintal, um pedaço de madeira pode tornar-se cavalo, espada, colher, ponte ou personagem; folhas podem virar dinheiro, comida ou remédio; o chão pode transformar-se em estrada, casa ou rio. Essa capacidade de ressignificação revela a potência simbólica da infância. Assim, a pedagogia de quintais reconhece as crianças como produtoras de cultura e não apenas como receptoras de ensinamentos adultos.

As brincadeiras populares também contribuem para o desenvolvimento da linguagem, pois envolvem cantigas, rimas, combinados, diálogos, narrativas e negociações. Para Bakhtin (2003), a linguagem se constitui nas relações sociais e nos enunciados produzidos em contextos concretos de interação. Nos quintais, as crianças falam, escutam, argumentam, inventam nomes, criam histórias e repetem cantigas que carregam marcas culturais. Essas práticas ampliam vocabulário, oralidade, expressividade e compreensão do outro. A pedagogia de quintais, portanto, valoriza o brincar como espaço de produção linguística e de participação social. Brincar é também falar, narrar, escutar e construir sentidos coletivamente.

A presença das memórias familiares nos quintais ajuda a criança a compreender sua história e seu lugar no mundo. Para Bosi (1994), a memória dos mais velhos é uma fonte fundamental de transmissão cultural, pois nela se preservam experiências que ajudam a interpretar o presente. Quando uma avó ensina uma cantiga, um avô conta como brincava na infância ou uma mãe explica o cuidado com determinada planta, a criança recebe fragmentos de uma história coletiva. Essas memórias fortalecem vínculos e criam continuidade entre passado e presente. Assim, os quintais tornam-se espaços onde a criança aprende a pertencer a uma família, a uma comunidade e a uma cultura.

As brincadeiras de quintal favorecem a construção de regras sociais de maneira vivida e negociada. Para Piaget (1994), as regras nos jogos infantis contribuem para o desenvolvimento moral, pois permitem que a criança compreenda cooperação, respeito e reciprocidade. Nos quintais, as crianças combinam quem começa, definem limites do espaço, resolvem conflitos e

ajustam regras conforme a brincadeira acontece. Essas experiências ajudam a desenvolver noções de justiça, responsabilidade e convivência. A pedagogia de quintais valoriza esse processo porque entende que a criança aprende valores sociais em situações concretas. O brincar torna-se, assim, experiência ética e formativa.

As experiências lúdicas nos quintais também envolvem imaginação e criação simbólica. Para Winnicott (1975), o brincar é espaço potencial no qual a criança elabora experiências internas e externas, construindo sentidos para sua vida emocional. No quintal, a criança cria mundos imaginários, personagens, casas, florestas, mercados e histórias que expressam desejos, medos e descobertas. Essas criações ajudam a organizar emoções e ampliar possibilidades de expressão. A pedagogia de quintais reconhece que brincar não é atividade inferior ao estudo, mas dimensão essencial do desenvolvimento humano. A criança brinca para compreender a si mesma, os outros e o mundo.

Apresenta-se uma tabela 02 que organiza experiências de brincadeira, memória e saber popular presentes nos quintais e seus impactos educativos. A tabela busca mostrar que as práticas lúdicas e culturais desenvolvidas nesses espaços contribuem para diferentes dimensões da formação infantil. Cada experiência apresentada envolve aprendizagens sociais, cognitivas, afetivas e culturais, revelando que o quintal é um território de educação integral. A organização em tabela permite visualizar como brincadeiras, narrativas, cantigas, cultivo e festividades fortalecem a infância como experiência comunitária e culturalmente situada.

Tabela 02 - Experiências de brincadeira, memória e saber popular presentes nos quintais e seus impactos educativos.

<i>Experiência de quintal</i>	Características	Impactos educativos
<i>Brincadeiras tradicionais</i>	Jogos coletivos, corporais e simbólicos	Socialização, criatividade e autonomia
<i>Narrativas orais</i>	Histórias familiares e comunitárias	Memória, linguagem e identidade

<i>Cantigas populares</i>	Música, ritmo e oralidade	Expressão, escuta e cultura infantil
<i>Cultivo coletivo</i>	Cuidado com plantas e hortas	Responsabilidade e consciência ambiental
<i>Festividades familiares</i>	Celebrações, comidas e encontros	Pertencimento e valorização cultural
<i>Saberes populares</i>	Conhecimentos sobre plantas, remédios e costumes	Continuidade cultural e aprendizagem cotidiana

Fonte: Dados da pesquisa (2026)

A tabela demonstra que as brincadeiras tradicionais não podem ser vistas apenas como passatempo, pois elas desenvolvem habilidades fundamentais para a formação da criança. Huizinga (2000) destaca que o jogo é elemento estruturante da cultura, presente nas formas de convivência, criação e organização social. Nos quintais, as crianças aprendem regras, criam símbolos, estabelecem relações e experimentam papéis sociais por meio do brincar. A tabela mostra que cada brincadeira carrega aprendizagens relacionadas ao corpo, à linguagem, à imaginação e à convivência. Desse modo, a pedagogia de quintais reconhece o jogo como prática cultural e formativa.

A discussão da tabela também evidencia a importância das narrativas orais na construção da memória e da identidade infantil. Para Zumthor (1993), a oralidade possui força performativa, pois envolve voz, presença, corpo e relação entre quem narra e quem escuta. Nos quintais, histórias contadas ao entardecer, em rodas familiares ou durante atividades de cuidado com plantas produzem aprendizagens afetivas e culturais. A criança não recebe apenas informações, mas participa de uma experiência de escuta marcada por emoção e pertencimento. Assim, a pedagogia de quintais valoriza a oralidade como prática educativa viva.

As cantigas populares presentes nos quintais também possuem grande valor educativo, pois articulam ritmo, linguagem, memória e movimento. Para Cascudo (2001), o folclore expressa saberes coletivos preservados nas práticas populares e nas tradições transmitidas oralmente. Quando as crianças cantam cantigas de roda, repetem parlendas ou inventam versos, participam de um patrimônio cultural que atravessa gerações. Essas práticas desenvolvem

coordenação, musicalidade, oralidade e pertencimento cultural. A tabela revela que as cantigas não apenas divertem, mas também educam sensibilidade, linguagem e memória. Assim, o quintal torna-se espaço de preservação e recriação da cultura popular infantil.

O cultivo coletivo apresentado na tabela revela que os saberes populares estão ligados à responsabilidade e ao cuidado. Para Shiva (2003), a relação entre comunidades, sementes e biodiversidade envolve conhecimentos culturais fundamentais para a preservação da vida. Nos quintais, quando a criança planta, rega, observa e colhe, aprende que a natureza exige tempo, paciência e responsabilidade. Esses saberes não se limitam ao conhecimento científico formal, mas envolvem práticas transmitidas pela experiência cotidiana. A pedagogia de quintais reconhece que cuidar de plantas é também aprender sobre vida, tempo, cooperação e sustentabilidade.

As festividades familiares e comunitárias realizadas nos quintais fortalecem a dimensão social da infância. Para Geertz (1989), a cultura é uma teia de significados construída pelos sujeitos em suas práticas simbólicas. Nos quintais, aniversários, rezas, encontros, refeições coletivas e celebrações populares produzem sentidos de pertencimento e identidade. A criança aprende observando gestos, músicas, comidas, roupas, palavras e rituais que compõem a vida comunitária. A tabela mostra que esses momentos não são apenas eventos sociais, mas experiências educativas que ensinam valores, histórias e formas de convivência. Assim, o quintal é espaço de cultura viva.

Os saberes populares relacionados às plantas, aos remédios caseiros, às comidas e aos costumes familiares contribuem para a formação cultural da criança. Para Leff (2006), os saberes ambientais e tradicionais precisam ser reconhecidos como formas legítimas de conhecimento, pois expressam relações históricas entre sociedade e natureza.

Nos quintais, a criança aprende que determinada folha serve para chá, que certas plantas precisam de sombra, que restos orgânicos podem virar adubo e que o alimento nasce do cuidado. Essas aprendizagens articulam cultura, ambiente e cotidiano. A pedagogia de quintais valoriza tais saberes porque eles aproximam a criança de sua realidade.

As brincadeiras de quintal também favorecem a construção da autonomia infantil. Para Decroly (1932), a educação deve partir dos interesses da criança e

de sua relação ativa com o ambiente. No quintal, a criança escolhe materiais, organiza brincadeiras, define percursos, explora possibilidades e cria soluções para problemas que surgem durante a ação. Essa liberdade orientada contribui para iniciativa, autoconfiança e responsabilidade. A pedagogia de quintais não entende autonomia como abandono da criança, mas como oportunidade de participação em um ambiente seguro e significativo. Assim, o brincar no quintal favorece protagonismo infantil.

A dimensão comunitária dos quintais ajuda a criança a desenvolver solidariedade e cooperação. Para Bauman (2003), a comunidade representa espaço de vínculos, pertencimento e responsabilidade compartilhada, mesmo em sociedades marcadas por individualização. Nos quintais, as crianças aprendem a dividir brinquedos, esperar sua vez, ajudar no cultivo, cuidar dos menores e participar de tarefas coletivas. Essas experiências fortalecem valores sociais importantes para a vida em comunidade. A pedagogia de quintais, portanto, resgata a importância da convivência como princípio educativo, contrapondo-se ao isolamento e ao individualismo presentes em muitas experiências contemporâneas.

A memória das brincadeiras também contribui para que a criança compreenda transformações sociais e culturais. Para Pollak (1992), a memória é elemento fundamental na construção de identidades individuais e coletivas, pois seleciona experiências significativas e organiza sentidos sobre o passado. Quando adultos narram brincadeiras de sua infância, as crianças percebem permanências e mudanças nos modos de brincar, morar e conviver. Essa comparação ajuda a compreender a história da comunidade e as transformações do território. A pedagogia de quintais valoriza essas memórias porque elas aproximam gerações e fortalecem a consciência histórica da infância.

As experiências de quintal também se relacionam à criatividade infantil, pois oferecem materiais não estruturados que podem ser transformados de inúmeras maneiras. Para Gardner (1995), as inteligências humanas manifestam-se de formas diversas, incluindo dimensões corporal, espacial, linguística, naturalista e interpessoal. Nos quintais, a criança mobiliza várias dessas inteligências ao construir brinquedos, identificar plantas, contar histórias, organizar jogos e interagir com outras crianças. A pedagogia de quintais favorece

essa multiplicidade porque não limita a aprendizagem a uma única linguagem. Assim, o quintal amplia oportunidades de expressão e desenvolvimento integral.

Brincadeiras, memórias e saberes populares constituem fundamentos essenciais da pedagogia de quintais, pois articulam cultura, infância, natureza e convivência comunitária. Para Meirieu (2002), educar é criar condições para que o sujeito se construa em relação com saberes, valores e experiências significativas. O quintal oferece justamente essas condições ao permitir que a criança brinque, escute histórias, participe de práticas culturais e aprenda com o território. A formação integral acontece porque a criança desenvolve linguagem, corpo, imaginação, memória, identidade e responsabilidade. Assim, a pedagogia de quintais reafirma o valor educativo da vida cotidiana e dos saberes populares.

CAPÍTULO 3: INFÂNCIA, NATUREZA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA PEDAGOGIA DE QUINTAIS

A relação entre infância e natureza constitui um dos pilares da pedagogia de quintais, pois o contato com ambientes naturais favorece experiências sensoriais, emocionais, cognitivas e ambientais fundamentais ao desenvolvimento infantil. Para Capra (2006), a compreensão da vida exige perceber as redes de interdependência que conectam seres humanos, natureza e sistemas vivos.

Nos quintais, a criança observa essas redes quando acompanha o crescimento das plantas, percebe a presença de insetos, identifica mudanças no clima e participa do cuidado com o espaço. Essas experiências ajudam a construir uma consciência ecológica inicial, baseada não apenas em explicações teóricas, mas na convivência direta com a vida.

A educação ambiental na pedagogia de quintais não se restringe ao ensino de conceitos sobre preservação, mas envolve práticas cotidianas de cuidado, observação e responsabilidade. Para Reigota (2017), a educação ambiental deve promover reflexão crítica sobre as relações entre sociedade, cultura e natureza, considerando os contextos de vida dos sujeitos.

O quintal oferece condições para essa reflexão porque aproxima a criança de problemas e soluções concretas, como reaproveitamento de resíduos, cultivo de plantas, economia de água e cuidado com animais. Ao participar dessas práticas, a criança compreende que o ambiente não é algo distante, mas parte de sua vida diária.

A experiência sensorial com a natureza é indispensável para a aprendizagem infantil. Para Montessori (1965), a criança aprende por meio da exploração ativa do ambiente e do uso dos sentidos, construindo autonomia e conhecimento a partir da experiência concreta. Nos quintais, a criança toca a terra, sente o cheiro das folhas, percebe a textura das sementes, escuta pássaros, observa cores e acompanha movimentos da natureza. Essas experiências ampliam percepção, atenção e curiosidade. A pedagogia de quintais valoriza essa aprendizagem sensorial porque compreende que o corpo participa da construção do conhecimento e que a natureza oferece estímulos ricos e diversificados.

A natureza também favorece o desenvolvimento emocional da criança, pois ambientes verdes tendem a produzir sensações de calma, pertencimento e encantamento. Para Tiriba (2018), as crianças precisam de contato cotidiano com a natureza para desenvolver vínculos afetivos com a vida e superar práticas educativas excessivamente confinadas. O quintal permite que a infância respire, corra, observe, silencie e se encante com pequenos acontecimentos naturais. Essas experiências contribuem para equilíbrio emocional e para a construção de uma relação afetiva com o ambiente. A educação ambiental torna-se mais potente quando nasce desse vínculo sensível e não apenas de discursos normativos.

A pedagogia de quintais também contribui para a construção de uma ética do cuidado. Para Boff (1999), o cuidado é uma atitude fundamental diante da vida, pois expressa responsabilidade, atenção e compromisso com o outro e com a natureza. Quando a criança rega uma planta, protege uma muda, observa um ninho ou aprende a não destruir pequenos seres vivos, desenvolve atitudes de cuidado que podem se ampliar para outras relações sociais. O quintal ensina que a vida depende de atenção cotidiana e de gestos simples. Assim, a educação ambiental assume dimensão ética, afetiva e prática na formação integral da criança.

A observação dos ciclos naturais nos quintais permite que a criança compreenda noções de tempo, transformação e interdependência. Para Prigogine (1996), a natureza está em constante processo de mudança, marcada por dinâmicas complexas e relações não lineares. Embora essa concepção seja científica, ela pode ser vivida pela criança quando observa uma semente germinar, uma flor murchar, uma fruta amadurecer ou a chuva modificar o solo. O quintal torna visível que a vida se transforma continuamente. Essa percepção contribui para o desenvolvimento cognitivo, pois a criança aprende a comparar, esperar, formular hipóteses e compreender processos.

A educação ambiental nos quintais também pode fortalecer a segurança alimentar e a valorização dos alimentos naturais. Para Pollan (2008), conhecer a origem dos alimentos transforma a relação das pessoas com a comida e com o ambiente. Quando a criança participa de uma horta, observa o crescimento de hortaliças ou colhe frutos, compreende que o alimento não surge apenas no mercado, mas depende da terra, da água, do sol e do trabalho humano. Essa

experiência favorece hábitos alimentares mais conscientes e respeito pelos processos de produção. A pedagogia de quintais, portanto, aproxima alimentação, natureza e educação.

A biodiversidade presente nos quintais pode funcionar como recurso pedagógico para despertar curiosidade científica. Para Wilson (2012), a diversidade da vida é uma riqueza fundamental para compreender os sistemas naturais e a própria existência humana. Mesmo pequenos quintais podem abrigar plantas, formigas, borboletas, pássaros, minhocas, fungos e microambientes que despertam perguntas nas crianças. Observar esses seres vivos ajuda a desenvolver atitudes investigativas, percepção ambiental e respeito pela vida. A pedagogia de quintais valoriza essas descobertas porque elas aproximam ciência e cotidiano. A criança aprende investigando o mundo vivo ao seu redor.

A tabela 03 organiza as práticas de educação ambiental possíveis na pedagogia de quintais e suas aprendizagens correspondentes. A tabela evidencia que o cuidado com plantas, a observação da natureza, a compostagem, o plantio e as experiências sensoriais não são atividades isoladas, mas práticas educativas integradas à formação integral da criança. Seu objetivo é demonstrar que a educação ambiental nos quintais pode desenvolver responsabilidade, sensibilidade ecológica, percepção científica, cooperação e vínculo afetivo com a natureza.

Tabela 03 – Organização das práticas de educação ambiental possíveis na pedagogia de quintais e suas aprendizagens correspondentes.

<i>Prática ambiental</i>	Descrição pedagógica	Aprendizagens desenvolvidas
<i>Horta de quintal</i>	Cultivo de hortaliças, ervas e plantas alimentícias	Responsabilidade, alimentação saudável e cuidado
<i>Observação da natureza</i>	Acompanhamento de plantas, insetos, clima e animais	Curiosidade científica e sensibilidade ecológica

<i>Compostagem</i>		Reaproveitamento de resíduos orgânicos	Sustentabilidade e ciclos da matéria
<i>Plantio de árvores</i>		Cuidado com mudas e acompanhamento do crescimento	Paciência, pertencimento e preservação
<i>Experiências sensoriais</i>		Contato com terra, água, sementes e folhas	Percepção, corporeidade e imaginação
<i>Economia de água</i>		Uso consciente na rega e limpeza do espaço	Responsabilidade ambiental cotidiana

Fonte: Dados da pesquisa (2026)

A tabela demonstra que a educação ambiental nos quintais acontece por meio de práticas simples, mas profundamente formativas. Para Gadotti (2008), educar para a sustentabilidade implica formar sujeitos capazes de viver de maneira responsável em relação à Terra e às comunidades. A horta, a compostagem e o plantio de árvores permitem que a criança compreenda essa responsabilidade de forma concreta. Ao cuidar de um canteiro, separar resíduos orgânicos ou economizar água, ela percebe que suas ações têm consequências. Assim, a tabela mostra que a pedagogia de quintais transforma a sustentabilidade em experiência cotidiana e acessível.

A discussão da tabela evidencia que a observação da natureza desenvolve curiosidade científica e sensibilidade ecológica. Para Chassot (2003), a alfabetização científica deve ajudar as pessoas a lerem o mundo natural e social de forma crítica. Nos quintais, a criança começa essa leitura ao perguntar por que uma planta cresce mais que outra, por que as formigas seguem caminhos, por que a terra muda depois da chuva ou por que certas folhas caem. Essas perguntas são pontos de partida para investigações pedagógicas. A educação ambiental, portanto, pode nascer da curiosidade espontânea da criança diante do ambiente vivido.

A compostagem apresentada na tabela possibilita compreender os ciclos da matéria e o reaproveitamento de resíduos. Para Odum (1988), os ecossistemas funcionam por meio de fluxos de energia e ciclos de materiais, mostrando que nada existe isoladamente na natureza. Quando a criança observa restos de alimentos transformarem-se em adubo, percebe de forma concreta que os resíduos podem retornar ao solo e alimentar novas plantas.

Essa prática desenvolve noções de sustentabilidade, responsabilidade e interdependência. A pedagogia de quintais torna acessível à infância uma compreensão ecológica profunda, baseada na experiência direta.

O plantio de árvores e mudas favorece aprendizagens relacionadas ao tempo e à paciência. Para Krenak (2020), é necessário adiar o fim do mundo por meio da reconstrução de vínculos com a Terra e com os seres vivos. Quando uma criança planta uma árvore, aprende que nem tudo acontece imediatamente e que cuidar da vida exige continuidade. A muda precisa de água, proteção e tempo para crescer. Essa experiência contrasta com a velocidade das tecnologias digitais e ensina outra relação com o tempo. A pedagogia de quintais, assim, ajuda a criança a desenvolver paciência, esperança e compromisso com o futuro.

As experiências sensoriais com terra, água, sementes e folhas favorecem a construção de uma relação corporal com a natureza. Para Ingold (2015), o conhecimento nasce do envolvimento do corpo com o ambiente, em processos de percepção, movimento e prática. Nos quintais, a criança aprende caminhando, tocando, cheirando, cavando, regando e observando.

Esse conhecimento não é apenas intelectual, mas incorporado na experiência vivida. A tabela evidencia que a pedagogia de quintais valoriza essa aprendizagem sensível, permitindo que a criança conheça a natureza com o corpo inteiro e não apenas por meio de explicações abstratas.

A economia de água, indicada na tabela, contribui para desenvolver responsabilidade ambiental cotidiana. Para Sachs (2002), o desenvolvimento sustentável exige equilíbrio entre necessidades humanas, justiça social e conservação ambiental. No quintal, a criança pode aprender a reutilizar água da chuva, evitar desperdícios e compreender a importância da água para as plantas, os animais e as pessoas. Essas práticas formam hábitos de cuidado que podem se estender para outros contextos da vida. Assim, a pedagogia de quintais mostra que a sustentabilidade começa em gestos simples e próximos da realidade infantil.

A educação ambiental nos quintais também contribui para uma percepção menos utilitarista da natureza. Para Næss (1989), a ecologia profunda propõe reconhecer o valor intrínseco dos seres vivos, independentemente de sua utilidade para os humanos. Nos quintais, a criança pode aprender a respeitar

insetos, plantas espontâneas, pequenos animais e elementos naturais que muitas vezes seriam vistos como sem importância. Essa experiência desenvolve empatia ecológica e amplia a percepção sobre a diversidade da vida. A pedagogia de quintais favorece essa mudança de olhar, ensinando que a natureza não existe apenas para servir, mas para coexistir.

A relação com a natureza também pode fortalecer a saúde e o bem-estar da criança. Para Maller (2009), o contato com ambientes naturais pode favorecer equilíbrio emocional, redução do estresse e melhoria da qualidade de vida. Nos quintais, as crianças têm oportunidade de movimentar-se, respirar ar livre, explorar estímulos naturais e viver experiências menos controladas. Essas vivências podem contribuir para bem-estar físico e emocional, especialmente em contextos urbanos de confinamento. A pedagogia de quintais, portanto, não atua apenas na dimensão cognitiva, mas também no cuidado com a saúde integral da infância.

A presença da natureza nos quintais também favorece o desenvolvimento da imaginação. Para Abram (1996), a relação sensível com o mundo natural amplia a percepção e a linguagem humana, pois os elementos da natureza provocam narrativas, símbolos e encantamentos. A criança que observa uma borboleta, uma semente ou uma árvore pode criar histórias, perguntas e desenhos inspirados nessas experiências. A natureza alimenta a imaginação porque oferece formas, sons e movimentos imprevisíveis. Assim, a pedagogia de quintais aproxima educação ambiental, arte e linguagem, reconhecendo que o contato com o mundo vivo amplia a criatividade infantil.

A educação ambiental na pedagogia de quintais também deve considerar a justiça social e territorial. Para Acselrad (2004), os conflitos ambientais estão relacionados às desigualdades sociais e à distribuição desigual dos riscos e benefícios ambientais.

Muitas crianças vivem em territórios com poucos espaços verdes, falta de saneamento ou ausência de áreas seguras para brincar. Valorizar quintais e espaços comunitários significa também defender o direito das crianças a ambientes saudáveis. A pedagogia de quintais, nesse sentido, possui dimensão política, pois reivindica natureza, cuidado e infância como direitos.

A infância, natureza e educação ambiental constituem dimensões inseparáveis na pedagogia de quintais. Para Guimarães (2004), a educação

ambiental crítica precisa formar sujeitos capazes de compreender e transformar sua relação com o ambiente.

Os quintais oferecem condições concretas para essa formação ao possibilitar cuidado com plantas, observação de seres vivos, economia de água, compostagem, brincadeiras ao ar livre e construção de vínculos afetivos com a natureza. A criança aprende que faz parte de uma rede de vida e que suas ações importam. Assim, a pedagogia de quintais contribui para formar sujeitos sensíveis, responsáveis e comprometidos com o mundo.

CAPÍTULO 4: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS INSPIRADAS NA PEDAGOGIA DE QUINTAIS

As estratégias pedagógicas inspiradas na pedagogia de quintais buscam aproximar a escola das experiências vividas pelas crianças em seus territórios, valorizando natureza, oralidade, brincadeiras, memórias familiares e cultura popular. Para Hernández (1998), os projetos de trabalho permitem organizar aprendizagens a partir de questões significativas, conectando diferentes áreas do conhecimento e experiências dos estudantes.

A escola pode transformar o quintal em tema gerador de projetos sobre plantas, brincadeiras, histórias, alimentação, sustentabilidade e identidade cultural. Essa aproximação torna o currículo mais vivo e contextualizado. Assim, a pedagogia de quintais inspira práticas escolares que partem da vida cotidiana e retornam a ela com novos sentidos.

Uma das estratégias mais importantes é a criação de hortas pedagógicas no espaço escolar ou comunitário. Para Tristão (2004), a educação ambiental ganha força quando articula experiência, participação e reflexão crítica sobre o ambiente. A horta permite que as crianças plantem, reguem, observem, colham e discutam temas como alimentação saudável, ciclos naturais, cuidado e sustentabilidade.

Além disso, favorece cooperação entre estudantes, professores, famílias e comunidade. A pedagogia de quintais transforma a horta em espaço de aprendizagem interdisciplinar, onde ciências, linguagem, matemática, arte e cultura popular podem dialogar. Dessa forma, a escola aproxima conhecimento formal e experiência concreta.

A contação de histórias é outra estratégia fundamental inspirada nos quintais. Para Abramovich (1997), ouvir histórias é uma experiência essencial para a formação da criança, pois amplia imaginação, linguagem, emoções e compreensão do mundo. A escola pode convidar familiares, avós, moradores e lideranças comunitárias para narrar memórias de infância, histórias de plantas, brincadeiras antigas e acontecimentos do território. Essas narrativas valorizam a oralidade e aproximam a escola da cultura local. A pedagogia de quintais reconhece que histórias contadas no espaço escolar ajudam a preservar memórias e a fortalecer vínculos entre gerações, comunidade e crianças.

As brincadeiras populares devem ser incorporadas ao planejamento pedagógico como práticas de desenvolvimento integral. Para Friedmann (2012), o brincar expressa a cultura infantil e precisa ser reconhecido como linguagem legítima da criança. A escola pode organizar momentos de brincadeiras tradicionais, como roda, peteca, amarelinha, cabo de guerra, esconde-esconde, cantigas e jogos com elementos naturais.

Essas atividades desenvolvem coordenação motora, linguagem, cooperação, imaginação e respeito às regras. Inspirada na pedagogia de quintais, a escola deixa de tratar a brincadeira como intervalo sem valor pedagógico e passa a compreendê-la como experiência educativa central.

As oficinas sensoriais com elementos naturais também são estratégias relevantes. Para Goldschmied e Jackson (2006), a exploração de materiais diversificados favorece descobertas, autonomia e desenvolvimento sensorial na infância. A escola pode propor atividades com sementes, folhas, cascas, terra, água, flores, cheiros e texturas, permitindo que as crianças investiguem sem pressa e expressem percepções por meio da fala, do desenho, da música ou do movimento. Essas oficinas ampliam a relação da criança com a natureza e favorecem aprendizagens corporais e cognitivas. A pedagogia de quintais valoriza esse contato porque reconhece que a criança aprende com todos os sentidos.

A pedagogia de quintais também inspira rodas de conversa sobre memórias familiares e experiências comunitárias. Para Kramer (2007), a escuta da criança e o reconhecimento de sua voz são princípios fundamentais para uma educação infantil democrática. Nas rodas, as crianças podem compartilhar histórias sobre seus quintais, plantas que conhecem, brincadeiras de família, animais de estimação, comidas preparadas em casa e lembranças de convivência. Esses relatos fortalecem linguagem, autoestima e pertencimento cultural. A escola, ao escutar essas experiências, reconhece a criança como sujeito de saber. Assim, a roda de conversa torna-se prática de participação e valorização da infância.

A construção de brinquedos com materiais naturais ou reaproveitados é uma estratégia que une criatividade, sustentabilidade e cultura popular. Para Munari (2008), a criatividade se desenvolve quando a criança experimenta materiais, formas e possibilidades de criação. Galhos, folhas, sementes, caixas,

tecidos, barbantes e pedras podem tornar-se brinquedos, instrumentos musicais, bonecos, cenários ou jogos. Essa prática reduz dependência de brinquedos industrializados e fortalece a imaginação. Inspirada nos quintais, a escola pode propor oficinas de criação em que as crianças inventem seus próprios objetos lúdicos. Assim, aprendem que brincar não depende do consumo, mas da imaginação e da relação com o ambiente.

O registro das experiências de quintal por meio de desenhos, fotografias, diários e portfólios pode fortalecer a reflexão pedagógica. Para Hernández e Ventura (1998), o registro permite acompanhar processos de aprendizagem e valorizar percursos investigativos dos estudantes. A escola pode criar cadernos de memórias, murais de plantas, mapas afetivos do quintal, relatos ilustrados e exposições das descobertas infantis. Esses registros ajudam a criança a organizar suas experiências e compartilhar saberes com a comunidade escolar. A pedagogia de quintais utiliza o registro não como burocracia, mas como memória viva do processo educativo e da produção infantil.

A tabela 04, apresenta estratégias pedagógicas inspiradas na pedagogia de quintais, suas formas de aplicação e seus benefícios educativos. A tabela evidencia que essas práticas podem ser realizadas na escola, em espaços comunitários ou em parceria com famílias, valorizando experiências culturais e ambientais do território. Seu objetivo é demonstrar que a pedagogia de quintais não pertence apenas ao passado ou ao ambiente doméstico, mas pode orientar propostas escolares contemporâneas. A organização das estratégias permite visualizar caminhos concretos para articular currículo, infância, natureza e cultura popular.

Tabela 04 - Apresenta estratégias pedagógicas inspiradas na pedagogia de quintais

<i>Estratégia pedagógica</i>	<i>Aplicação na escola</i>	<i>Benefícios educativos</i>
<i>Horta pedagógica</i>	Cultivo de plantas, ervas e alimentos	Educação ambiental, cuidado e cooperação
<i>Contação de histórias</i>	Narrativas familiares e comunitárias	Oralidade, memória e imaginação

<i>Brincadeiras populares</i>	Jogos tradicionais e cantigas	Socialização, corpo e cultura infantil
<i>Oficinas sensoriais</i>	Experiências com terra, sementes e folhas	Percepção, criatividade e investigação
<i>Rodas de conversa</i>	Relatos sobre quintais e memórias	Linguagem, escuta e pertencimento
<i>Brinquedos naturais</i>	Construção com materiais do território	Sustentabilidade e criatividade

Fonte: Dados da pesquisa (2026)

A tabela demonstra que a horta pedagógica pode funcionar como eixo articulador de múltiplas aprendizagens. Para Fazenda (2008), a interdisciplinaridade permite superar fragmentações do conhecimento e construir relações entre diferentes áreas. Na horta, a criança aprende ciências ao observar plantas, matemática ao contar sementes, linguagem ao registrar descobertas, arte ao desenhar folhas e educação ambiental ao discutir cuidado com a vida. Essa estratégia mostra que a pedagogia de quintais pode enriquecer o currículo escolar. A horta não é atividade complementar, mas espaço de investigação, convivência e formação integral.

A contação de histórias apresentada na tabela fortalece vínculos entre escola e comunidade. Para Zumthor (1997), a voz carrega presença, memória e corporeidade, tornando a narrativa uma experiência coletiva. Quando familiares e moradores narram histórias no ambiente escolar, a criança percebe que os saberes de sua comunidade têm valor. Isso fortalece autoestima cultural e amplia o repertório linguístico. A escola, ao acolher essas narrativas, rompe com a ideia de que apenas livros e conteúdos formais ensinam. A pedagogia de quintais valoriza a palavra viva, transmitida no encontro entre gerações.

As brincadeiras populares, quando incorporadas ao planejamento, desenvolvem aprendizagens corporais, sociais e culturais. Para Daolio (2004), o corpo é construído culturalmente e expressa modos de vida, valores e práticas sociais. Brincadeiras de quintal envolvem corpo em movimento, ritmo, força, equilíbrio, cooperação e comunicação. Ao brincar, a criança aprende a ocupar o espaço, respeitar o outro, lidar com perdas e conquistas e expressar emoções. A tabela evidencia que essas atividades não são apenas recreativas, mas

formativas. A pedagogia de quintais compreende o corpo como linguagem e como território de aprendizagem.

As oficinas sensoriais com materiais naturais ampliam possibilidades investigativas na infância. Para Edwards, Gandini e Forman (2016), a criança expressa conhecimentos por meio de múltiplas linguagens, incluindo desenho, movimento, construção, fala e exploração material. Ao manipular sementes, folhas, terra e água, a criança pode classificar, comparar, narrar, desenhar e criar hipóteses. Essas oficinas estimulam pensamento científico e expressão artística ao mesmo tempo. A pedagogia de quintais inspira a escola a oferecer materiais vivos e abertos, que não possuem uso único e despertam investigação. Assim, a criança aprende criando relações entre sensações, ideias e linguagem.

As rodas de conversa fortalecem a escuta e a participação infantil. Para Rinaldi (2012), escutar a criança significa reconhecer suas teorias, perguntas e modos de interpretar o mundo. Quando a escola abre espaço para que as crianças falem de seus quintais, memórias e brincadeiras, legitima seus saberes e suas experiências. A roda permite que diferentes infâncias apareçam, inclusive aquelas marcadas por territórios rurais, periféricos, ribeirinhos ou urbanos. A pedagogia de quintais valoriza essa diversidade porque compreende que cada criança carrega um repertório cultural próprio. Assim, conversar também é aprender.

A construção de brinquedos naturais ou reaproveitados favorece consciência ambiental e crítica ao consumo. Para Bauman (2008), a sociedade contemporânea tende a estimular relações consumistas e descartáveis, inclusive na infância. Ao criar brinquedos com materiais simples, a criança descobre que brincar não depende necessariamente de objetos comprados. Galhos, folhas, caixas e sementes podem tornar-se ferramentas de imaginação. Essa prática fortalece criatividade e sustentabilidade. A pedagogia de quintais, ao valorizar brinquedos construídos, convida a escola a questionar a lógica do consumo e a reconhecer a potência criadora da infância.

Parágrafo 16. A pedagogia de quintais também pode inspirar projetos de mapeamento afetivo do território. Para Tuan (1980), os lugares tornam-se significativos quando são vividos afetivamente pelos sujeitos. A escola pode convidar as crianças a desenharem seus quintais, apontarem árvores importantes, lembrarem brincadeiras e identificarem espaços de cuidado ou

perigo. Esse mapeamento fortalece percepção espacial, memória e pertencimento. A criança aprende que o território possui histórias e sentidos. Assim, a pedagogia de quintais aproxima geografia, arte, oralidade e educação emocional, permitindo que o espaço vivido seja reconhecido como fonte de conhecimento.

As práticas culinárias inspiradas nos quintais também podem ser exploradas pedagogicamente. Para Fischler (1995), a alimentação é uma prática cultural que revela identidades, memórias e relações sociais. Receitas feitas com frutas, ervas e alimentos cultivados no quintal permitem discutir cultura alimentar, saúde, família e sustentabilidade. A criança pode entrevistar familiares, registrar receitas, observar ingredientes e participar de preparações simples. Essas atividades aproximam escola e vida cotidiana. A pedagogia de quintais reconhece a cozinha e o quintal como espaços educativos, nos quais a criança aprende sobre cuidado, cultura e partilha.

A música e as cantigas de quintal podem fortalecer expressão, memória e cultura popular. Para Brito (2003), a música na educação infantil favorece sensibilidade, escuta, ritmo, expressão corporal e criatividade. Cantigas de roda, parlendas e músicas familiares podem ser recolhidas pelas crianças e trabalhadas na escola, compondo repertórios culturais do grupo. Essa prática valoriza a oralidade e aproxima gerações. A pedagogia de quintais reconhece que cantar é também aprender, pois envolve linguagem, corpo, memória e emoção. Assim, a escola pode transformar cantigas populares em experiências pedagógicas significativas.

A participação das famílias é indispensável nas estratégias inspiradas na pedagogia de quintais. Para Paro (2016), a gestão democrática da escola exige participação da comunidade nos processos educativos. As famílias podem contribuir com sementes, histórias, receitas, brincadeiras, fotografias antigas e conhecimentos sobre plantas.

Essa participação amplia o repertório pedagógico e fortalece vínculos entre escola e território. A pedagogia de quintais, portanto, aproxima saber escolar e saber comunitário, reconhecendo que a formação da criança é responsabilidade coletiva. Quando a escola se abre à comunidade, torna-se mais viva, democrática e culturalmente significativa.

As estratégias pedagógicas inspiradas na pedagogia de quintais demonstram que a escola pode tornar-se mais sensível, participativa e contextualizada. Para Nóvoa (2022), a escola contemporânea precisa reinventar-se por meio de novas formas de relação com conhecimento, comunidade e vida. Hortas, histórias, brincadeiras, oficinas sensoriais, mapas afetivos, músicas e participação familiar permitem que o currículo dialogue com experiências reais das crianças. A pedagogia de quintais não rejeita a escola, mas a convida a ampliar seus espaços, linguagens e modos de ensinar. Assim, contribui para uma educação integral, afetiva e enraizada no território.

CAPÍTULO 5: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS E PERSPECTIVAS DA PEDAGOGIA DE QUINTAIS

A pedagogia de quintais enfrenta desafios significativos na contemporaneidade, especialmente em razão da urbanização acelerada, da redução dos espaços verdes, da insegurança nas ruas e do aumento do tempo de exposição das crianças às telas digitais. Para Sennett (2018), as transformações urbanas alteram profundamente as formas de convivência e pertencimento nos espaços coletivos.

Muitas crianças têm menos oportunidades de brincar ao ar livre, conviver com vizinhos e explorar ambientes naturais. Nesse cenário, os quintais tornam-se espaços ainda mais importantes de resistência educativa e cultural. A pedagogia de quintais propõe recuperar experiências de proximidade, cuidado, memória e natureza em meio às mudanças sociais.

O excesso de tecnologias digitais tem modificado a experiência infantil, reduzindo em muitos casos o tempo dedicado ao brincar livre, ao movimento corporal e à convivência presencial. Para Buckingham (2007), a infância contemporânea é profundamente atravessada pelas mídias, exigindo análise crítica sobre seus impactos culturais e educativos. Embora as tecnologias possam oferecer oportunidades de aprendizagem, não devem substituir experiências concretas com o corpo, a natureza e a comunidade. A pedagogia de quintais não nega o mundo digital, mas defende equilíbrio entre telas e vivências sensoriais. A criança precisa tocar, correr, plantar, imaginar, conversar e conviver para desenvolver-se integralmente.

A redução dos espaços de brincar é outro desafio importante. Para Jacobs (2011), a vitalidade das cidades depende da presença de pessoas nos espaços públicos e da diversidade de usos do território. Quando as crianças são afastadas das ruas, praças e quintais, perdem oportunidades de convivência comunitária e exploração autônoma. A pedagogia de quintais propõe valorizar os espaços próximos da vida cotidiana como ambientes educativos possíveis. Mesmo em contextos urbanos, pequenos quintais, pátios, hortas escolares, varandas e jardins comunitários podem tornar-se territórios de aprendizagem. O desafio é reinventar espaços para que a infância possa viver experiências mais livres e significativas.

As desigualdades sociais também interferem no acesso das crianças a ambientes naturais e seguros. Para Santos (2000), o território é marcado por relações de poder, desigualdade e diferentes possibilidades de uso. Algumas crianças possuem quintais amplos e arborizados, enquanto outras vivem em moradias pequenas, sem áreas verdes ou espaços adequados para brincar. A pedagogia de quintais precisa considerar essas desigualdades e não idealizar a infância. Sua perspectiva deve orientar escolas e comunidades a criarem experiências possíveis em diferentes contextos, valorizando hortas coletivas, espaços escolares, terrenos comunitários e práticas de memória. Assim, o quintal pode ser físico, simbólico e pedagógico.

A perda de saberes tradicionais constitui outro desafio contemporâneo. Para Canclini (2008), as culturas populares sofrem processos de transformação, hibridização e, muitas vezes, apagamento diante das dinâmicas modernas e mercadológicas. Brincadeiras, cantigas, conhecimentos sobre plantas, receitas e histórias familiares podem desaparecer quando não são transmitidos às novas gerações. A pedagogia de quintais atua como prática de preservação e reinvenção cultural, permitindo que crianças conheçam e recriem saberes de suas comunidades. O objetivo não é congelar o passado, mas manter vivas experiências que fortalecem identidade, pertencimento e continuidade cultural.

A crise ambiental contemporânea torna ainda mais urgente a aproximação entre infância e natureza. Para Latour (2020), a humanidade precisa repensar sua relação com a Terra e reconhecer que não está separada dos sistemas vivos que sustentam a existência. A pedagogia de quintais contribui para essa mudança ao formar crianças que percebem a natureza como parte da vida cotidiana. Cuidar de uma planta, economizar água, observar insetos e reaproveitar resíduos são experiências simples, mas formadoras de consciência ecológica. Em tempos de degradação ambiental, os quintais podem ensinar responsabilidade, cuidado e interdependência desde a infância.

A escola contemporânea enfrenta o desafio de aproximar currículo e vida. Para Sacristán (2013), o currículo não deve ser entendido apenas como lista de conteúdos, mas como seleção cultural que orienta experiências educativas. A pedagogia de quintais questiona currículos distantes da realidade das crianças e propõe incluir saberes do território, memórias familiares, brincadeiras populares e práticas ambientais. Essa inclusão torna o ensino mais significativo

e fortalece a identidade das crianças. O desafio está em reconhecer que os saberes de quintal possuem valor pedagógico e podem dialogar com conhecimentos escolares formais.

A valorização dos quintais também exige superar preconceitos contra saberes populares e comunitários. Para Boaventura de Sousa Santos (2010), é necessário reconhecer uma ecologia de saberes, na qual diferentes formas de conhecimento sejam valorizadas. Muitas vezes, a escola privilegia apenas saberes acadêmicos e ignora conhecimentos construídos por famílias, agricultores, benzedeiras, artesãos, cozinheiras e moradores antigos. A pedagogia de quintais defende que esses saberes sejam ouvidos e incorporados às práticas educativas. Assim, a criança aprende que sua cultura tem valor e que o conhecimento não pertence a um único lugar social.

A tabela 05 organiza os principais desafios contemporâneos da pedagogia de quintais e algumas perspectivas educativas possíveis. A tabela relaciona urbanização, excesso de telas, desigualdades territoriais, perda de saberes populares, crise ambiental e distanciamento entre escola e comunidade. Seu objetivo é demonstrar que esses desafios, embora complexos, podem ser enfrentados por meio de práticas pedagógicas criativas, participativas e contextualizadas. A organização permite visualizar que a pedagogia de quintais não é nostalgia, mas proposta atual para repensar infância, educação e território.

Tabela 05 – Organização dos principais desafios contemporâneos da pedagogia de quintais e algumas perspectivas educativas possíveis.

<i>Desafio contemporâneo</i>	<i>Impacto na infância</i>	<i>Perspectiva educativa</i>
<i>Urbanização acelerada</i>	Redução de espaços livres e verdes	Criação de hortas e jardins escolares
<i>Excesso de telas</i>	Menor contato corporal e social	Valorização do brincar ao ar livre
<i>Desigualdade territorial</i>	Acesso desigual à natureza	Uso de espaços comunitários e escolares

<i>Perda de saberes populares</i>	Enfraquecimento da memória cultural	Projetos de oralidade e memória
<i>Crise ambiental</i>	Distanciamento da responsabilidade ecológica	Educação ambiental vivencial
<i>Escola distante da comunidade</i>	Currículo pouco significativo	Integração entre escola, família e território

Fonte: Dados da pesquisa (2026)

A tabela demonstra que a urbanização acelerada exige respostas educativas capazes de criar ou recuperar espaços de convivência com a natureza. Para Harvey (2014), o direito à cidade envolve a possibilidade de participar da produção dos espaços urbanos e de usufruir deles de forma justa. Quando escolas criam hortas, jardins sensoriais e espaços verdes, contribuem para garantir às crianças experiências que a cidade muitas vezes lhes nega. A pedagogia de quintais, nesse sentido, possui dimensão urbana e política, pois reivindica o direito da infância ao espaço, ao brincar, à natureza e à convivência.

O excesso de telas, indicado na tabela, precisa ser enfrentado por meio de experiências corporais e relacionais significativas. Para Postman (1999), mudanças culturais e midiáticas alteram profundamente a infância, aproximando crianças de linguagens adultas e reduzindo certas experiências próprias do brincar livre. A pedagogia de quintais propõe equilibrar esse cenário ao valorizar atividades presenciais, sensoriais e coletivas. Brincar ao ar livre, plantar, cantar e conversar são práticas que devolvem à criança tempo de experiência e presença. Assim, a resposta não é proibir tecnologias de forma simplista, mas ampliar oportunidades de vida concreta.

A desigualdade territorial apresentada na tabela exige que a pedagogia de quintais seja adaptada a diferentes realidades. Para Arroyo (2012), a educação precisa reconhecer os sujeitos concretos, suas histórias, territórios e condições de vida. Algumas crianças não possuem quintal em casa, mas podem vivenciar experiências de quintal na escola, em pátios, praças, hortas comunitárias ou espaços coletivos. O conceito de quintal, portanto, pode ser ampliado para qualquer território de cuidado, memória, natureza e brincadeira. Essa perspectiva evita idealizações e torna a proposta mais inclusiva e socialmente comprometida.

A perda de saberes populares pode ser enfrentada por projetos de memória e oralidade. Para Thompson (1992), a história oral permite registrar experiências de pessoas comuns e valorizar narrativas que muitas vezes ficam fora dos documentos oficiais. A escola pode convidar moradores antigos, familiares e trabalhadores da comunidade para compartilhar histórias sobre quintais, brincadeiras, plantas, comidas e festas. Esses relatos podem ser registrados em livros, áudios, vídeos e exposições. A pedagogia de quintais fortalece a memória coletiva ao reconhecer que cada comunidade possui saberes dignos de serem preservados e transmitidos.

A crise ambiental exige uma educação que forme sujeitos capazes de cuidar do mundo de maneira sensível e crítica. Para Porto-Gonçalves (2012), a questão ambiental está ligada a modelos de sociedade, formas de território e relações de poder. Nos quintais, a educação ambiental pode começar com práticas simples, mas deve avançar para reflexões sobre consumo, desperdício, desigualdade e cuidado coletivo. A criança aprende a plantar, mas também pode discutir porque faltam áreas verdes em seu bairro. Assim, a pedagogia de quintais articula sensibilidade ecológica e consciência crítica, evitando uma educação ambiental superficial.

A distância entre escola e comunidade, indicada na tabela, é um desafio que compromete a relevância do currículo. Para Libâneo (2012), a escola precisa articular formação cultural, conhecimento sistematizado e realidade social dos estudantes. A pedagogia de quintais contribui para essa articulação ao trazer para o espaço escolar experiências de famílias, territórios e culturas locais. Quando a escola reconhece o que as crianças vivem fora dela, o currículo torna-se mais significativo. Isso não elimina o conhecimento científico, mas cria pontes entre saberes acadêmicos e saberes cotidianos. A escola torna-se, assim, mais aberta e contextualizada.

A pedagogia de quintais também enfrenta o desafio de ser reconhecida como proposta pedagógica legítima. Para Tardif (2014), os saberes docentes são construídos na relação entre formação, experiência e contexto de trabalho. Muitos professores já realizam práticas inspiradas em quintais, como hortas, rodas de histórias e brincadeiras tradicionais, mas nem sempre essas ações são valorizadas institucionalmente. É necessário reconhecer que tais práticas exigem planejamento, intencionalidade e conhecimento pedagógico. A

pedagogia de quintais precisa ser incorporada aos projetos escolares como abordagem séria de formação integral.

As perspectivas da pedagogia de quintais incluem a construção de escolas mais abertas, verdes e comunitárias. Para Fullan (2009), mudanças educacionais significativas dependem de culturas colaborativas e participação coletiva. A criação de jardins, hortas, espaços de memória e projetos com famílias pode transformar a escola em território de encontro. Essas mudanças exigem envolvimento de professores, gestores, estudantes, responsáveis e comunidade. A pedagogia de quintais oferece uma perspectiva de inovação enraizada na simplicidade e na vida cotidiana. Seu potencial está justamente em unir tradição e renovação pedagógica.

Outra perspectiva importante é a valorização da infância como tempo de experiência, e não apenas de preparação para o futuro. Para Kohan (2007), a infância pode ser pensada como potência, abertura e possibilidade de novos modos de existir. Os quintais favorecem essa potência ao permitir que a criança explore, imagine, pergunte e crie sem reduzir sua vida à produtividade. Em uma sociedade que muitas vezes acelera a infância, a pedagogia de quintais propõe tempo para brincar, observar e conviver. Essa defesa é profundamente educativa, pois reconhece que a criança precisa viver plenamente sua infância.

A pedagogia de quintais também pode contribuir para a inclusão, pois valoriza múltiplas linguagens e diferentes modos de participação. Para Mantoan (2015), a escola inclusiva deve reconhecer a diferença como princípio e reorganizar suas práticas para todos os estudantes. Nos quintais, crianças com diferentes habilidades podem participar por meio do corpo, da fala, do desenho, do cuidado com plantas, da escuta, da observação e da brincadeira. Essa diversidade de linguagens torna a experiência mais acessível. Assim, a pedagogia de quintais favorece uma educação mais inclusiva, sensível e acolhedora.

Os desafios contemporâneos da pedagogia de quintais envolvem urbanização, tecnologias, desigualdades, perda de memórias, crise ambiental e distanciamento entre escola e comunidade, mas também abrem importantes possibilidades de transformação educativa. Para Charlot (2000), aprender é estabelecer relação com o saber, com o mundo, com os outros e consigo mesmo. Os quintais favorecem exatamente essa relação ampla, pois conectam

criança, natureza, cultura, memória e convivência. Ao valorizar essas experiências, a escola pode construir uma educação mais humana, ecológica e significativa. Assim, a pedagogia de quintais apresenta-se como perspectiva atual e necessária para a formação integral da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente obra possibilitou compreender que a pedagogia de quintais constitui uma importante perspectiva educativa voltada à formação integral da criança, especialmente porque reconhece os espaços cotidianos como territórios legítimos de aprendizagem, convivência, memória e construção cultural. Ao longo dos capítulos, evidenciou-se que os quintais não podem ser compreendidos apenas como espaços físicos vinculados às residências, mas como ambientes simbólicos e pedagógicos nos quais a infância estabelece relações profundas com a natureza, com a cultura popular, com os vínculos familiares e com os saberes comunitários. A pedagogia de quintais amplia o conceito de educação ao reconhecer que aprender não ocorre exclusivamente nos ambientes escolares formais, mas também nas experiências sensíveis construídas na convivência cotidiana.

As discussões desenvolvidas demonstraram que o contato da criança com elementos naturais, como terra, plantas, sementes, água, árvores e animais, favorece experiências sensoriais fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, emocional e ambiental da infância. A criança aprende observando os ciclos da natureza, cultivando plantas, acompanhando transformações do ambiente e construindo vínculos afetivos com os espaços em que vive. Nesse sentido, a pedagogia de quintais fortalece uma educação ambiental vivencial e humanizada, baseada na experiência concreta e na relação ética com a vida. Em tempos marcados pela degradação ambiental e pelo afastamento das crianças da natureza, recuperar experiências de quintais torna-se também uma ação de resistência ecológica e cultural.

Outro aspecto amplamente discutido refere-se ao papel das brincadeiras tradicionais na formação infantil. As experiências lúdicas vivenciadas nos quintais favorecem criatividade, imaginação, autonomia, linguagem, socialização e construção de vínculos afetivos. As brincadeiras populares revelam que a infância produz cultura, cria narrativas, ressignifica objetos e transforma espaços cotidianos em territórios de invenção. Além disso, as brincadeiras compartilhadas fortalecem convivência comunitária e transmissão cultural entre

gerações. Dessa maneira, a pedagogia de quintais reafirma a importância do brincar como linguagem fundamental da infância e como prática educativa indispensável ao desenvolvimento integral da criança.

A obra também permitiu compreender a importância da memória e da oralidade nos processos educativos desenvolvidos nos quintais. Histórias narradas por avós, receitas familiares, saberes relacionados às plantas, cantigas populares e experiências compartilhadas no cotidiano constituem patrimônios culturais transmitidos entre gerações. Essas memórias fortalecem identidade cultural, pertencimento social e valorização dos territórios comunitários. Em uma sociedade marcada pela aceleração do tempo e pela fragilidade das relações coletivas, os quintais preservam experiências de escuta, convivência e partilha que contribuem significativamente para a humanização da infância.

Outro ponto relevante refere-se às contribuições da pedagogia de quintais para a construção de práticas pedagógicas mais sensíveis, inclusivas e contextualizadas no ambiente escolar. As estratégias discutidas ao longo da obra demonstraram que hortas pedagógicas, rodas de conversa, oficinas sensoriais, brincadeiras populares, projetos de memória e experiências de educação ambiental podem aproximar a escola da vida cotidiana das crianças e de suas comunidades. Ao dialogar com os saberes do território, a escola torna-se mais significativa, democrática e culturalmente situada. A pedagogia de quintais não rejeita o conhecimento científico formal, mas propõe que ele dialogue com experiências comunitárias, culturais e ambientais vividas pelas crianças.

As análises realizadas também evidenciaram os desafios contemporâneos enfrentados pela infância e pela própria pedagogia de quintais. O crescimento urbano desordenado, a redução dos espaços livres para brincar, o excesso de exposição às telas digitais, a fragilidade das relações comunitárias e o distanciamento das crianças em relação à natureza têm modificado profundamente as experiências infantis. Muitas crianças vivem em contextos marcados pelo confinamento, pela insegurança urbana e pela limitação das experiências sensoriais e coletivas. Nesse cenário, a pedagogia de quintais

surge como importante possibilidade de resistência educativa, cultural e ambiental, defendendo uma infância mais conectada à convivência humana, ao território e à natureza.

A obra também reafirmou a importância da participação das famílias e da comunidade nos processos educativos. Os quintais representam espaços de encontro entre diferentes gerações, nos quais circulam saberes, afetos, histórias e práticas culturais compartilhadas. A participação comunitária fortalece vínculos sociais, amplia repertórios culturais e contribui para construção de experiências educativas mais colaborativas e humanizadas. Assim, a pedagogia de quintais evidencia que educar não é responsabilidade exclusiva da escola, mas processo coletivo que envolve famílias, comunidades, territórios e diferentes sujeitos sociais.

Outro aspecto relevante refere-se à valorização da diversidade cultural presente nos quintais. Cada território possui formas próprias de brincar, plantar, cozinhar, narrar histórias e construir relações com o ambiente. A pedagogia de quintais reconhece essas singularidades como riquezas culturais e educativas, combatendo perspectivas homogêneas de infância e educação. Dessa forma, a obra contribui para valorização das culturas populares, das memórias comunitárias e dos conhecimentos produzidos nos diferentes contextos sociais e territoriais.

A pedagogia de quintais também se apresenta como importante possibilidade de fortalecimento da educação inclusiva e da formação humanizada. Ao valorizar múltiplas linguagens, experiências sensoriais, brincadeiras livres e diferentes formas de participação, os quintais favorecem experiências educativas mais acessíveis e acolhedoras. Crianças com diferentes modos de aprender podem participar das atividades por meio do corpo, da oralidade, da observação, do cultivo, da brincadeira e da convivência. Assim, a pedagogia de quintais amplia possibilidades de inclusão e contribui para construção de práticas pedagógicas mais democráticas e respeitosas com as singularidades da infância.

Conclui-se, portanto, que a pedagogia de quintais representa uma perspectiva educativa profundamente comprometida com a formação integral da criança, com a valorização da cultura popular, com a preservação ambiental e com a construção de relações humanas mais sensíveis e solidárias. Ao reconhecer os quintais como territórios de aprendizagem, memória e convivência, amplia-se a compreensão sobre os processos educativos e sobre a própria infância. Em vez de limitar a educação aos conteúdos escolares formais, a pedagogia de quintais propõe uma formação conectada à vida, ao território, às experiências sensoriais, à cultura e à convivência coletiva.

Por fim, espera-se que esta obra contribua para fortalecer debates acadêmicos e práticas pedagógicas relacionadas à infância, à educação ambiental, à cultura popular e à formação integral. Mais do que recuperar memórias do passado, a pedagogia de quintais apresenta-se como possibilidade contemporânea de reinventar a educação a partir do cuidado, da sensibilidade, da escuta e da relação com o mundo vivido. Em tempos marcados pela fragmentação das relações sociais e pelo afastamento das crianças da natureza, os quintais continuam ensinando que aprender também é brincar, cuidar, narrar, conviver, cultivar e sentir. Assim, a pedagogia de quintais reafirma-se como caminho potente para construção de infâncias mais humanas, ecológicas, criativas e culturalmente enraizadas.

REFERÊNCIAS

- ABRAM, D. *The spell of the sensuous*. New York: Vintage Books, 1996.
- ABRAMOVICH, F. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.
- ACSELRAD, H. *Conflitos ambientais no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.
- ARROYO, M. G. *Outros sujeitos, outras pedagogias*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAUMAN, Z. *Comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BAUMAN, Z. *Vida para consumo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOFF, L. *Saber cuidar*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOSI, E. *Memória e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BRITO, T. A. *Música na educação infantil*. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- BROUGÈRE, G. *Jogo e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BUCKINGHAM, D. *Crescer na era das mídias eletrônicas*. São Paulo: Loyola, 2007.

CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2008.

CAPRA, F. *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARVALHO, I. C. M. *Educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 2012.

CASCUDO, L. C. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2001.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARLOT, B. *Da relação com o saber*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHASSOT, A. *Alfabetização científica*. Ijuí: Unijuí, 2003.

CORSARO, W. *Sociologia da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DAOLIO, J. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papirus, 2004.

DECROLY, O. *La función de globalización y la enseñanza*. Madrid: Beltrán, 1932.

DEWEY, J. *Experiência e educação*. São Paulo: Nacional, 1979.

DIEGUES, A. C. *Etnoconservação*. São Paulo: Hucitec, 2000.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. *As cem linguagens da criança*. Porto Alegre: Penso, 2016.

FAZENDA, I. C. A. *Interdisciplinaridade*. São Paulo: Cortez, 2008.

FISCHLER, C. *El omnívoro*. Barcelona: Anagrama, 1995.

- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FRIEDMANN, A. *O brincar na educação infantil*. São Paulo: Moderna, 2012.
- FULLAN, M. *O significado da mudança educacional*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GADOTTI, M. *Educar para a sustentabilidade*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.
- GARDNER, H. *Inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GOLDSCHMIED, E.; JACKSON, S. *Educação de 0 a 3 anos*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- GUIMARÃES, M. *A formação de educadores ambientais*. Campinas: Papirus, 2004.
- HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HARVEY, D. *Cidades rebeldes*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- HERNÁNDEZ, F. *Transgressão e mudança na educação*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- HUIZINGA, J. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

INGOLD, T. *Estar vivo*. Petrópolis: Vozes, 2015.

JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

KISHIMOTO, T. M. *Jogo, brinquedo, brincadeira e educação*. São Paulo: Cortez, 2011.

KOHAN, W. O. *Infância, estrangeiridade e ignorância*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KRAMER, S. *A infância e sua singularidade*. Brasília: MEC, 2007.

KRENAK, A. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LARROSA, J. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.

LATOUR, B. *Onde aterrar?* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LEFF, E. *Racionalidade ambiental*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 2012.

LOUV, R. *A última criança na natureza*. São Paulo: Aquariana, 2016.

MALAGUZZI, L. *História, ideias e filosofia básica*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MALLER, C. *Healthy parks, healthy people*. The George Wright Forum, v. 26, n. 2, p. 51-83, 2009.

MANTOAN, M. T. E. *Inclusão escolar*. São Paulo: Summus, 2015.

MATURANA, H. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MEIRIEU, P. *A pedagogia entre o dizer e o fazer*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MONTESORI, M. *A criança*. Lisboa: Portugalia, 1965.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.

MUNARI, B. *Das coisas nascem coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

NÆSS, A. *Ecology, community and lifestyle*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

NORA, P. *Entre memória e história*. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

NÓVOA, A. *Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar*. Salvador: SEC/IAT, 2022.

ODUM, E. P. *Ecologia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

OSTETTO, L. E. *Educação infantil e arte*. Campinas: Papirus, 2019.

PARO, V. H. *Gestão democrática da escola pública*. São Paulo: Cortez, 2016.

PIAGET, J. *O juízo moral na criança*. São Paulo: Summus, 1994.

POLLAN, M. *Em defesa da comida*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.

POLLAK, M. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTO-GONÇALVES, C. W. *A globalização da natureza e a natureza da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

POSTMAN, N. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

PRIGOGINE, I. *O fim das certezas*. São Paulo: UNESP, 1996.

REIGOTA, M. *O que é educação ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 2017.

RINALDI, C. *Diálogos com Reggio Emilia*. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

SACRISTÁN, J. G. *Saberes e incertezas sobre o currículo*. Porto Alegre: Penso, 2013.

SACHS, I. *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SANTOS, B. de S. *A gramática do tempo*. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, M. *A natureza do espaço*. São Paulo: EDUSP, 2000.

SARMENTO, M. J. *As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade*. Braga: Universidade do Minho, 2004.

SENNETT, R. *Construir e habitar*. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SHIVA, V. *Monoculturas da mente*. São Paulo: Gaia, 2003.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2014.

THOMPSON, P. *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TIRIBA, L. *Educação infantil como direito e alegria*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

TRISTÃO, M. *A educação ambiental na formação de professores*. São Paulo: Annablume, 2004.

TUAN, Y. F. *Topofilia*. São Paulo: Difel, 1980.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WILSON, E. O. *A criação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZUMTHOR, P. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, P. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Hucitec, 1997.

SOBRE OS AUTORES (AS):

TIAGO FERREIRA VERAS



tiagoveras@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/2126137155820472>

É professor da rede básica de ensino e, atualmente, desenvolve pesquisas voltadas à criação de materiais paradidáticos bilíngues (Libras–Português) sobre a História do Maranhão, utilizando estratégias tradutórias, terminologia sinalizada e produção de videotextos em Libras. É mestrando em Educação Inclusiva pelo PROFEI/UEMA, encontrando-se em andamento na formação acadêmica, além de possuir pós-graduação em Libras pela Unyleya, Licenciatura em Letras–Libras pela Uniasselvi e Licenciatura em História pela UEMA. Atua como Professor Intérprete de Libras efetivo da Secretaria Municipal de Educação de Paço do Lumiar – MA desde 2018 e como Professor Intérprete de Libras efetivo da SEDUC–MA, vinculada ao Governo do Maranhão, desde 2016.

LUCILENE DE FÁTIMA PEREIRA RODRIGUES



lulu.farodrigues@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/5710132433829356>

Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e em Letras pela Faculdade Santa Fé, com especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano (IESF). Atualmente cursa Educação Especial Inclusiva na UFMA. Possui ampla experiência na rede pública estadual do Maranhão, onde atua desde 1986, tendo exercido as funções de Professora Nível I e, atualmente, Professora Nível III.

ELISÂNGELA DE FÁTIMA NASCIMENTO PEREIRA MONROE



monreopn.elisangelamonroe@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/0639572162246948>

É graduada em Licenciatura em Pedagogia, tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Especial; Apresenta Especializações em: Educação Especial e Inclusiva, pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano (2007), Docência na Educação Infantil pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA (2015), Psicopedagogia Clínica e Institucional, pela Faculdade - CESSF e em Psicologia da Educação pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. É servidora pública municipal, como Professora de Atendimento Educacional Especializado-AEE pela Prefeitura Municipal de Paço do Lumiar e Prefeitura Municipal de São Luís. Em Atuou como professora de Atendimento Educacional Especializado na Sala de Recurso Multifuncional- SRM da Secretaria Municipal de Educação de Paço do Lumiar - SEMED-PL; em 2015 a 2024 esteve na função de Coordenadora do Programa Sala de Recursos Multifuncionais no Departamento de Atendimento Educacional Especializado-DAEE pela SEMED-PL e atualmente está como Coordenadora da Unida de da Família no Espaço Luminence para Práticas de Altas Habilidades/Superdotação - ELPAH/S, sob da Supervisão do Atendimento Educacional Especializado- SAEE da SEMED-PL e como professora do Atendimento Educacional Especializado-AEE, na Sala de Recurso Multifuncional pela Superintendência da Área de Educação Especial – SAEE da Secretaria Municipal de São Luís - SEMED (de 2019 até os dias atuais). Participou de alguns posters e publicação como: na categoria PÔSTER -“Acessibilidade e Inclusão: Transtorno do Espectro Autista Nivel Três no Municipio de Paço do Lumiar. E a Educação Especial em Paço do Lumiar-Ma: Experiências Exitosas para o 10º Congresso Brasileiro de Educação Especial; Desafios e Reflexões Sobre a Urgência da Formação Docente no Contexto da Educação Inclusiva, pela Editora Aurun ; para que leitura e escrita na educação infantil?, Publicado na Revista Observatório de La Economia Latinoameroana.

ELAINE REGINA MENDES PINHEIRO LISBOA



lanylisboa@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/0671446926399477>

Possui Mestrado em História pelo Programa de Pós-Graduação História, Ensino, Narrativas pela Universidade Estadual do Maranhão (2016); Especialização em Gestão Escolar, pela Universidade Federal do Maranhão (2012); Especialização em História do Maranhão pela Universidade Estadual do Maranhão (2012); Especialização em Docência da Educação Superior, pela Faculdade de Tecnologia Equipe Darwin, FATED (2009); Graduação em História Licenciatura pela Universidade Estadual do Maranhão (2008) e Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão (2009). Graduanda em Psicologia (Faculdade Estácio). Especialização em andamento Psicoterapias Baseadas em Evidências: Terapia Cognitivo-Comportamentais (FACULDADE FOCUS) e formação em psicopatologia (FACULDADE FOCUS. Atualmente é professora de História e professora de Atendimento Educacional Especializado da Secretaria Estadual de Educação do Maranhão. Tem experiência na área de Educação Especial, com ênfase em transtornos do neurodesenvolvimento, e na área de História, com ênfase em Educação de mulheres escravizadas e mulheres negras em São Luís (MA), atuando principalmente nos seguintes temas: relação de gênero, relações étnicas raciais e práticas educativas de mulheres escravas e negras.

